

TRADIÇÃO E PÓS-MODERNIDADE NA FESTA DO VÃO DO MOLEQUE NA COMUNIDADE KALUNGA.

Guilherme Talarico¹

RESUMO

Analisando a Festa do Vão do Moleque da Comunidade Kalunga, a exploração do potencial turístico dos festejos, a melhoria do acesso e a resignificação dos bens culturais. O conflito entre a manutenção das tradições e a espetacularização da cultura do povo Kalunga deve ser explorado nos contextos histórico, cultural e social, uma vez que a Festa do Vão do Moleque representa um evento anual de convívio social entre os remanescentes quilombolas daquela comunidade. O crescente interesse pelo povo Kalunga, sobre sua percepção ambiental e seus conhecimentos tradicionais, traz à tona a questão da atribuição de valores patrimoniais imateriais sobre as culturas tradicionais, os impactos e os ganhos simbólicos que podem advir de políticas públicas neste sentido.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura popular; comunidades tradicionais; patrimônio imaterial; festa.

A Comunidade Kalunga do nordeste de Goiás é formada por cerca de 5.000 moradores (projeção a ser confirmada no atual Censo do IBGE) distribuídos numa área de 253,2 mil hectares de terra divididas em localidades: Engenho II, Vão da Contenda, Vão do Kalunga, Vão das Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois, e outras; distribuídas em três municípios: Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. Os Kalunga são considerados os mais representativos e significativos remanescentes de quilombo do país, em números populacionais e território contínuo, e têm na sua terra e nos seus modos de viver, os traços da cultura africana e da história afro-brasileira que ainda permanecem desafiando os pesquisadores e resistindo às influências da pós-modernidade.

Seus modos de pensar, vivenciar e agir são a identidade viva de seu povo e marcam a sua singularidade. O isolamento por que passou a comunidade, formada há tempos “sem data”, é um dos fatores da resistência às culturas externas que os circundam. O contato se intensificou desde meados da década de 1980, e agora os Kalunga não podem deixar de buscar uma convivência equilibrada com os bens

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás, bolsista FUNARTE em Produção Crítica sobre Culturas Populares e Tradicionais, consultor do IPHAN no Departamento de Patrimônio Imaterial, em Brasília - DF. Contato: talarico.gui@gmail.com.

culturais universais para o exercício da cidadania e a sobrevivência dentro da expansão do sistema capitalista que lhes é apresentado, e que, inegavelmente, contribui para o empobrecimento e homogeneização das culturas.

Gostaria de narrar os motivos que me levaram a buscar um melhor entendimento sobre o que vem acontecendo na Comunidade Kalunga do Vão do Moleque. Em setembro de 2009, atendendo à etapa de Levantamento Preliminar de implantação do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, para a Superintendência Regional do IPHAN em Goiás, visitamos a Festa do Vão do Moleque. Para este projeto fizemos a escolha, eu e outro pesquisador, de nos anteciparmos à Festa e, assim, termos mais facilidade de conversar com os participantes e não atrapalhar em seus afazeres. Uma vez que esta etapa preliminar do INRC consiste, basicamente, no levantamento de todo o tipo de informação sobre a manifestação cultural, textuais, videográficas, fotográficas e por meio de entrevistas, para que se tenha um total entendimento de como se dá sua realização e em que condições ela se encontra e é realizada.

Com o propósito de agradecer ao bom ano agrícola, os Kalunga organizam um “Império de São Gonçalo”, que também é dedicado a Nossa Senhora do Livramento, a santa de maior devoção para os Kalunga, e São Sebastião. Mas, o que realmente motiva as famílias a se deslocarem para o local da festa, daí a característica de “romaria” do festejo, é o espírito comunitário da congregação, de encontro entre os familiares. Parentes e amigos se deslocam de suas roças para o local da Capela do Moleque. Muitos vão de caminhão, para transportar tudo tipo de utensílios e mantimentos necessários para se manter no local da Festa, outros de carro, já que o acesso pela estrada vem sendo melhorado a cada ano, outros, ainda, à cavalo. Ali ficam arranchados por vários dias (alguns por mais de quinze dias) preparando o terreno, refazendo seus ranchos, participando da novena que antecede a festa.

O que pude observar, na experiência com o trabalho de campo em 2009, é que a Festa do Vão do Moleque vem tomando outras conotações e proporções desmedidas em detrimento do sentido religioso, que, se para alguns, vem diminuindo, para outros vem sendo resignificado. O lugar isolado entre as serras de repente se transforma e está tomado por pessoas que vivem realmente isoladas e se encontram para um propósito, que largam seus afazeres por um tempo considerável, que muitas vezes fazem um caminho penoso para estar ali, apenas pelo prazer de se reencontrarem. Nesta época do

ano o calor é extremo no Cerrado, com pouca sombra. O local é mal servido de água, sem fornecimento de energia, sem telefone celular, sem televisão, sem Internet. Mas, ao mesmo tempo, o lugar é tomado por um barulho ensurdecedor e constante de geradores de energia, carros e motos cortando o pátio e as ruelas em alta velocidade, crianças correndo e brincando inocentes entre os veículos. O som ininterrupto de uma música de gosto popular (tecno-forró), que chega a ser difícil de ser identificada a letra devido à linguagem pouco familiar para ouvidos urbanos. Visitantes e membros da comunidade em uma convivência que se diria tensa, mas completamente pacífica, em que ambas as partes se respeitam (até certos limites), já que os Kalungas do Vão do Moleque, apesar de bastante fechados, já estão bastante acostumados com a presença de estranhos em sua Festa. Também o teor alcoólico das pessoas faz com que todos meçam bem seus gestos e seus espaços, até porque, de modo bastante amplo, ninguém está ali para confusão. Este cenário me causou um estranhamento tão profundo, que precisei de algum tempo para criar um entendimento pessoal, do que estava acontecendo ali.

Este breve relato tenta justificar o que me levou a voltar no Vão do Moleque. Ainda um pouco perplexo com o espetáculo da multiplicidade e da existência de um lugar onde se materializa tantos conflitos ao mesmo tempo, apresentei um projeto de pesquisa à Bolsa Funarte de Produção Crítica sobre Culturas Populares e Tradicionais, enfocando justamente a “Tradição e a Pós-modernidade na Festa do Moleque”. Para conseguir desenvolver este trabalho vou usar algumas categorias dos Estudos Culturais que, em diálogo com a História, possam ajudar a entender toda esta complexa articulação entre afirmações da identidade Kalunga, a necessidade de transmissão dos significados simbólicos daquela Festa, de como os Kalunga percebem esta importância. Como lidam com a influência de elementos que, para quem não pertence à comunidade, parecem ser prejudiciais a esse processo.

Como a História Cultural tem por principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída” (Chartier, 2002, p. 16), vou buscar apreender todas as informações necessárias para compor o quadro de entendimento do que seja esta Festa e qual sua importância no contexto de representação social do povo Kalunga.

O que proponho analisar é um estudo crítico sobre uma festa de cunho religioso, que ocorre no mês de setembro, na Comunidade do Vão do Moleque, localizada a 140

quilômetros de Cavalcante, região nordeste de Goiás. Entendida como um momento de confraternização entre os Kalunga, o Império de São Gonçalo se mostra, a princípio, como uma época de louvor e agradecimento, um grande reencontro para parentes e familiares, momento e espaço para rituais simbólicos. Os Kalunga concretizam, nos mais de dez dias de festejos, o momento descrito por Carlos Brandão: “uma espécie de ingênuo e poderoso maravilhamento que por algum tempo se partilha. Uma alegria por estar ‘aqui’, vivendo ‘isto’ entre todos” (Brandão, 2004, p. 29).

Mas a Festa do Moleque também tem sido marcada pela resignificação com a espetacularização da cultura de identidade Kalunga. A melhoria nas condições de acesso, longe de ser uma ação indesejada pela comunidade, faz com que um número cada vez maior de visitantes não Kalungas participe dos festejos. O comércio tem se proliferado. Os ranchos mais bem posicionados, pertencentes aos núcleos familiares mais antigos, já se transformaram em comércio (bares). Um tipo muito popular nas festas pelo interior do país, o “barraqueiro” tem espaço garantido entre os Kalunga, por trazer novidades e incrementar a circulação de dinheiro. Os rituais de passagem entre os mais jovens estão se descaracterizando. Não se celebram mais tantos casamentos durante os festejos no Moleque, mas os batizados aumentaram. São muitos os que freqüentam as missas e a novena, mas os rezadores estão sumindo. Outro fator preocupante é o inegável esgotamento dos recursos naturais no local da Festa do Moleque e a eterna protelação com que o assunto vem sendo tratado, a ponto de um simples banho ou o levantamento de um mastro se converter em pequenas epopéias.

Procurarei trabalhar estas e outras questões focando o conflito entre a necessidade de afirmação da identidade e da tradição dos Kalunga em contraponto com a inevitável influência de elementos contraditórios a esse processo. Estes elementos, que podem ser relacionados à crise de paradigmas gerados pela pós-modernidade, dizem respeito à própria noção de identidade e tradição aceita e representada pelos Kalunga.

Quando trata da questão de que as culturas devem ser permanentemente questionadas e julgadas criticamente a partir de sua relevância prática e do interesse dos indivíduos em preservá-las, o sociólogo Sérgio Costa recorre a Jürgen Habermas sobre as condições sociais para a sobrevivência de uma tradição:

Tradições mantêm-se vivas na medida em que sejam capazes de fluir pelos canais múltiplos e interconectados das histórias de vida individuais e ultrapassem as barreiras críticas representadas pelo julgamento autônomo de seus usuários potenciais (Habermas, *apud* Costa, 2009, p. 59).

Contudo, ainda estamos na fase de entendimento desta performance cultural, e, desta forma, senti que seria uma boa oportunidade para analisar mais profundamente este palco de embate sócio-cultural no interior do Brasil.

Mesmo a noção de cultura parece estar se transformando entre os Kalunga. Ainda diz respeito à reprodução de uma série de valores e representações do social como fins em si mesmo, mas os Kalunga não são um povo tão inocente a ponto de não perceber que existe um motivo utilitário na cultura. E, principalmente, que este fim pode trazer a visibilidade de que precisam para mostrar a sua condição de “outro”. E que este processo pode, mesmo que esporadicamente durante uma festa, e mesmo que esta festa tenha princípios religiosos, lhes trazer a geração de alguma renda. Lembrando que nesses termos a noção de cultura tem muita proximidade com a noção de identidade.

Existe um grande respeito por parte de todos os participantes em relação à devoção aos santos homenageados, mas o apelo da festa profana vem crescendo entre os participantes da Festa do Moleque. Este fator pode ser relativizado pelas próprias características do povo alegre e jovial que são os Kalunga, ou mesmo pelo formato da Festa de Império, em que, depois de cumpridas as obrigações com a devoção, todos se sentem liberados para o divertimento.

A Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) vem tentando organizar os pontos de comércio para que os próprios Kalunga tomem frente das atividades comerciais e apoiem o festeiro na realização do Império de São Gonçalo, ainda que estas sistematizações sejam problemáticas e muito questionadas pela própria comunidade. Apesar disso, ou mesmo devido a estas preocupações com o empoderamento da comunidade em seu próprio meio, o choque entre a manutenção da tradição e a urgência de inclusão de novos elementos que ocorre no Vão do Moleque na época de Festa, é muito impactante. O espaço de memória e de representação identitária vem sendo utilizado pelos Kalunga como evento cultural para geração de renda, em proporções, segundo relatos, bastante preocupantes de alguns anos para cá.

O sentido de globalização, identificado na inserção da chamada “cultura de massa”, vem acarretando a inserção de elementos desagregadores na identidade e no caráter deste povo. O consumo de bebidas alcoólicas, por exemplo, que é um hábito considerado comum entre os povos isolados, toma conotações preocupantes quando não existe nenhum tipo de controle entre os mais jovens, e passa a ser visto mesmo como

um rito de passagem. Mesmo que ainda timidamente, já existem vestígios do uso de drogas menos lícitas entre os jovens durante a Festa do Moleque. Portanto, há que se buscarem medidas de controle para que o espírito do Império de São Gonçalo não se perca por completo.

As manifestações populares não se sujeitam ao engessamento de algumas políticas patrimoniais equivocadas, e nem é este o ponto em questão. A velocidade com que as mudanças acontecem é que pode ser desfavorável para aquela comunidade. É preciso equilíbrio e ajuste entre o total “abandono” de uma cultura tradicional aos ditames de uma indústria cultural movida pelo mercado de capital, principalmente o simbólico, sem que se caia no dirigismo cultural, seja ele oriundo do Estado, da academia ou de iniciativas privadas.

Aqui, é preciso destacar quais ações vêm sendo aplicadas entre os Kalunga como políticas culturais de afirmação de sua cultura. São inúmeros os projetos sendo desenvolvidos em todo o Sítio Histórico Kalunga, nas mais diferentes áreas do conhecimento, com as mais variadas linguagens, abordagens e seguindo variadas linhas de pensamento. No sentido de afirmação de sua cultura como meio de atribuir aos Kalunga o pertencimento e a conseqüente manutenção de suas terras é fundamental que estas políticas reafirmem as diferenças do povo Kalunga. Assim, em nosso entendimento, são implementadas ações que admitam, como explica Sérgio Costa, que “a diversidade cultural é um bem público, o qual cabe ao Estado preservar” (2009, p. 40). E que, por isso, admitam “o vínculo compulsório de indivíduos a determinados grupos, permitindo que as culturas possam continuar existindo, mesmo que supostos membros daquelas comunidades recusem a cultural que lhes é atribuída” (*idem*, p. 41).

Entre a atribuição de uma identidade e a aceitação da diferença que decorre dessa imposição, ficamos com a concepção pós-estruturalista para a qual a diferença é uma construção decorrente de sua manifestação, “é um fluxo de representações, articuladas *ad hoc*, nas entrelinhas das identidades externas totalizantes e essencialistas” (*idem*, p.42), como a de ser negro e Kalunga. E ainda se se é negro, Kalunga, do Vão do Moleque, ou do Engenho, ou do Vão de Almas, etc.

ALGUNS DADOS CRONOLÓGICOS	
1982	Início do Projeto Kalunga – Povo da Terra, de iniciativa da antropóloga Mari de Nasaré Baiocchi, com apoio da UFG, que representa o primeiro contato efetivo com o povo Kalunga.
1984	São feitas melhorias nas estruturas da Capela do Vão do Moleque (conforme datação nos degraus da Capela).
1985	Primeira titulação e registro de terras para os Kalunga feitos pelo Estado de Goiás.
1988	Promulgação da Constituição que garante, em seu Artigo 68, dos Atos e Disposições Transitórias, a posse das terras aos remanescentes quilombolas que estejam ocupando suas terras. Também a Constituição Estadual delimita a reserva Kalunga.
1990	Abertura do processo de tombamento da localidade do Vão do Moleque junto ao IPHAN (nº 1304-T-90), cujo parecer técnico recomenda prospecção arqueológica.
1991	Promulgação da Lei Estadual nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991, que cria o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.
1992	Criação da Associação Povo da Terra, embrião do que é hoje a Associação Kalunga.
1997	Abertura da primeira estrada que liga Cavalcante às terras dos Kalunga, até o Vão do Moleque.
1999	Construção de uma escola pública municipal no local da Capela do Vão do Moleque para atender às crianças da região.
2000	Portaria nº 40 da Fundação Cultural Palmares, outorgando o domínio das terras demarcadas a favor da Associação Quilombola Kalunga.
2009	No dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, o Presidente Lula assina 30 decretos de regularização de terras de quilombos, entre elas as dos Kalunga. O que ainda depende da avaliação e indenização dos imóveis desapropriados pelo INCRA para a transferência definitiva aos remanescentes quilombolas.

Quadro 1: Algumas datas importantes para o entendimento do contato entre os Kalunga e informações sobre a Comunidade do Vão do Moleque.

Para entender melhor a delicada equação entre a manutenção da cultura Kalunga e o que acarreta para a manutenção de sua identidade a influência da indústria cultural com fim do isolamento deste povo, é preciso retroceder um pouco, e apresentar outras informações suplementares (ver Quadro 1). A formação histórica do quilombo Kalunga, localizado às margens do Rio Paranã, nordeste de Goiás, remonta ao século XVIII, período de exploração das minas do norte goiano, quando foi gradualmente ocupado por escravos, fugidos ou alforriados, das regiões de São José do Tocantins (Niquelândia), São Domingos, Traíras, Couros, Arraias, São Félix, Santo Antônio, Morro do Chapéu (Monte Alegre), Cavalcante, Pilar, Palmas (Paranã) e do Rio Maranhão.

A formação do povo Kalunga foi uma construção, até mesmo recente, influenciada por fatores externos ao seu território. As políticas de inclusão e de reconhecimento das comunidades tradicionais foram sendo gradualmente aceitas entre os moradores daquela região. O autorreconhecimento como Kalunga não dirimiu as noções de pertencimento locais e é recorrente os Kalunga se identificarem como sendo do Vão de Almas, do Engenho, do Vão do Moleque, etc. Portanto, existem questões muito delicadas quando se trata da atribuição de valores e de sentido no processo de patrimonialização entre os bens materiais e imateriais no território Kalunga.

A região do Vão do Moleque, por ser uma das comunidades mais próximas do município de Cavalcante (cerca de 60 quilômetros em linha reta por entre as serras), é nitidamente a área mais vulnerável ao avanço da fronteira econômica representada pelo agro-negócio e mineradoras. A pressão sobre a posse das terras dos Kalunga não é uma polêmica desconhecida e vem se arrastando a muitos anos. Como uma das formas de garantir seus direitos sobre o território os Kalunga se vêm na necessidade de buscar os meios de inserção de seus bens culturais dentro do quadro reconhecimento simbólico da patrimonialização e do que dela advêm: espetacularização, turismo cultural, ecoturismo, etc, além de criar uma movimentação sobre as reconstruções identitárias.

O local da Capela do Moleque é uma área demarcada e escolhida pela comunidade, próximo ao Ribeirão dos Porcos, dentro do Sítio Histórico Kalunga (aproximadamente 140 quilômetros do município de Cavalcante). Não existem moradores no local, que é ocupado apenas por ocasião da Festa, apenas algumas famílias habitam em um raio de um quilômetro de distância. Segundo informações que obtive existem vinte famílias nas redondezas, que somam em torno de 70 pessoas. O local fica no chamado Vão do Moleque, portanto, cercado por morros e cortado por vales com típica vegetação de cerrado.

Na entrada do local da Festa se encontram duas das três únicas construções em alvenaria do lugar, a Escola e o banheiro comunitário, a outra construção de tijolos é a Capela. Trata-se de um pátio em formato retangular, em terreno inclinado, com a capela na parte mais alta e a casa, ou barracão, do Imperador da Festa no lado oposto, ladeado por diversos ranchos mais simples que servem de abrigo durante todo o período da festa. Estes ranchos onde se instalam os festeiros são feitos de adobe e madeira roliça e cobertos de palha. No local da Capela do Moleque encontram-se levantados 217 ranchos.

A área escolhida é um espaço comunitário utilizado para a realização da Festa do Moleque, apenas uma vez ao ano. Com o apoio que vem sendo dado nos últimos anos pela Prefeitura Municipal e pela AKC, o espaço vem recebendo benfeitorias para a organização do evento, como o nivelamento da estrada de acesso ao local, limpeza e nivelamento do pátio e das vias laterais, fornecimento de geradores. A Secretaria de Ação Social, nos últimos dois anos, vem desenvolvendo atividades com as crianças. Estas ações também viabilizam que um maior número de visitantes e comerciantes se desloquem para a Festa do Moleque, trazendo uma desarmonia com o lado ecumênico do evento e levando ao aumento de ocorrências policiais (que ainda são raras).

Ali pude compreender porque a Festa tem a característica de uma “romaria”. Na verdade os habitantes da comunidade saem de suas casas, de seus sítios, de suas roças, até mesmo de outras cidades, e partem para o local da Capela. Todos os preparativos se iniciam no dia 6 de setembro com o início da novena aos santos padroeiros: São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião. A festa também é caracterizada pelo levantamento do mastro de São Gonçalo ao fim da novena, ou seja, dia 14; o levantamento do mastro de Nossa Senhora do Livramento, no dia 15; e o levantamento do mastro de São Sebastião, no dia 16, quando também marcado pelo Império de São Gonçalo. Os moradores mais próximos do local da Capela costumam ir aos poucos para prepararem os seus ranchos, uma vez que esses ficam abandonados durante todo o ano. Os que moram mais afastados vão alguns dias antes para fazerem seus preparativos. Também no dia 6 iniciam-se os preparativos para a Festa que vai ser de responsabilidade do Imperador, escolhido no ano anterior, e de sua família.

Por meio de depoimentos pude identificar os personagens da Festa do Moleque e do Império de São Gonçalo, que são: os responsáveis pela novena, como os rezadores e o “zelador” da Capela, os responsáveis pelo Império de São Gonçalo, como o Imperador, a sua família, os mordomos que auxiliam o Imperador em suas obrigações e com contribuições em dinheiro, os alferes da bandeira e da espada, os ajudantes, os tocadores, as “enfeitadeiras” e as “procuradoras” (que fazem a coleta de donativos). É interessante perceber que cada um destes personagens procuram exercer suas funções da melhor maneira possível. Os tocadores, por exemplo, são fundamentais para o início do baile. Na Festa dos Kalunga do Vão do Moleque não se dança ao som mecânico.

A maior problemática gira mesmo em torno da racionalização do uso da água do Ribeirão dos Porcos durante os quinze dias de realização da Festa. Como a água do ribeirão é utilizada para diversos fins, desde consumo para beber a limpeza de panelas e banho, o seu uso fica inviabilizado pelas comunidades que necessitam do Ribeirão dos Porcos em seu curso abaixo. Fomos informados que os sítios ribeirão abaixo ficam até três meses após a realização da Festa impossibilitados de utilizar a água do Ribeirão dos Porcos. O que obriga a Prefeitura a abastecer estas famílias com caminhões pipa. Portanto, faz-se necessário a tomada de medidas que contenham o uso do Ribeirão, como, por exemplo, a instalação de pontos de chuveiros, uma cozinha comunitária para a limpeza de mantimentos e a matança de animais, ou a setorização para os usuários da água do Ribeirão, criando-se pontos de consumo, de limpeza de panelas e de banho.

Enfim, existem muitas questões peculiares envolvendo a Festa dos Kalunga do Vão Moleque, que para os Kalunga do Vão de Almas, por exemplo, se configuram de outra forma, com situações talvez ainda mais preocupantes no sentido da manutenção de tradições ou da preservação ambiental. Mas a consideração de determinar apenas uma manifestação cultural dentro do universo cultural Kalunga e elegê-la como passível de patrimonialização, em detrimento dos inúmeros outros bens, das diversas outras localidades, pode acarretar em conflitos internos ao Sítio Histórico Kalunga. O atendimento do IPHAN à demanda sobre os bens culturais dos Kalunga está diretamente relacionado à própria questão da constituição do Sítio Histórico Kalunga, que por sua representatividade, é base para todo um processo de tombamento dos territórios de remanescentes de quilombos dado pelo Artigo 216 da Constituição de 1988, que em seu parágrafo 5º determina o tombamento “de todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas de antigos quilombos”.

A partir daí, foram abertos doze processos de tombamento de antigos quilombos pelo IPHAN, sendo o Kalunga o primeiro deles, em 1990 (Processo nº 1304-T-90). Já foram identificados pela Fundação Cultural Palmares cerca de 1800 localidades de remanescentes quilombolas pelo país, sendo que destes, 120 já tiveram sua titulação regulamentada pelo INCRA. Mas surgiu aí o problema da delimitação do reconhecimento entre os Kalunga. O pedido de tombamento foi protocolado para o tombamento do “Quilombo Vão do Moleque, Cavalcante – GO”. Um novo Grupo de Trabalho foi recentemente implantado dentro do IPHAN para “solucionar” a questão

dos tombamentos em antigos quilombos, e um dos indicativos aponta para a aplicação da metodologia do INRC como medida adequada a este novo desafio da instituição. Também foi recomendado, em uma das reuniões de trabalho da equipe, que se reavaliasse o processo do Vão do Moleque para que se abordasse todo o Sítio Histórico e Cultural Kalunga.

No processo de entendimento de como se dão as relações sociais na Festa do Moleque, ainda não estou certo do entendimento que os Kalunga têm sobre os bens culturais que possuem, ou se estão cientes que existe um preço a ser pago pela exposição e espetacularização de sua cultura. É certo que eles já tem um certo entendimento de que estes bens culturais possuem um valor, mas não estou certo se entendem esse valor ainda no sentido de “preço”. No processo identificado pela pós modernidade a “naturalização das coisas é substituída por sua culturalização” (EAGLETON, 2005, p. 91). Quanto custaria para a comunidade expor ainda mais seus espaços de convivência? E as suas águas? O processo de patrimonialização das manifestações culturais de natureza imaterial sonda as culturas dos povos mais isolados e “diferentes” como que em busca do mais exótico e peculiar para a compor o quadro ideal da maior amplitude possível da múltipla cultura brasileira. E o que trás? Nada de mais? É preciso debater com as comunidades envolvidas, esclarecer todas as questões que esta atribuição de valor pode acarretar.

BIBLIOGRAFIA

BAIOCCHI, Mari. *Kalunga – Povo da Terra*. 2ª ed. Goiânia: Editora UFG, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De Tão Longe Eu Venho Vindo – Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 2004.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CARVALHO, José Jorge de. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria de entretenimento. In: FONSECA, Cecília Londres [et al.]. *Celebrações e Saberes da Cultura Popular: Pesquisa, inventário, críticas, perspectivas*. Rio de Janeiro: CNFCP/FUNARTE/IPHAN, 2004. Série Encontros e Estudos nº 5. p. 65 – 84.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa - Portugal: Difel, 2002.

COSTA, Sérgio. Diferença e identidade: A crítica pós-estruturalista ao multiculturalismo. In: VIEIRA, Liszt (Org.). *Identidade e Globalização – Impasses e Perspectivas da Identidade e a Diversidade Cultural*. São Paulo: Record, 2009. p. 33 – 60.

EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria – Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARINHO, Thais Alves. Identidade Kalunga: Resgate cultural ou invenção da (pós) modernidade. In: *Goiás e a (Pós) Modernidade: Dimensões e Reflexões*. MARINHO, Thais (et al). Goiânia: Ed. da UCG, 2009. p. 81 – 104.

RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*. 8ª ed. São Paulo: Graphia Editora, 2003.